

Buenos-Aires, 4 de abril de 1933

Caro companheiro e amigo dr. Paulo de Moraes Barros

Dou em meu poder suas estimadas cartas de 13 de janeiro (portador Ripoll) e 23 de fevereiro e 22 de março. Agradeço-lhe as informações relativas á divulgação da minha carta. O meu telegrama chegou aí modificado: nele me referia eu a carta e não a cartas. A que lhe escrevi sobre o caso dos coroneis foi a unica que lhe enviei, pois nunca tive grande confiança no correio aereo. O referido documento foi publicado na integra e com inteira fidelidade, o que exclui a hipótese de trechos apanhados aqui e ali.

Parece, entretanto, que a divulgação não foi inteiramente má, pois, pela enorme repercussão que teve, exerceu uma verdadeira pressão moral sobre os militares, levando-os a um acôrdo que, á hora em que escrevo, já está quasi concluido.

A respeito da situação revolucionaria, escrevo hoje, aproveitando o excelente portador que é o Mélega, uma carta aos proceres de Lisboa. Para ela chamo a sua atenção, excusando-me de repetir aqui o que ali exprimimos. Precisamos decidir com toda a urgencia se vamos á luta, ou se aguardamos melhor oportunidade. O que não podemos é continuar nesta agitação estéril.

Um fator de grande importancia é o conhecimento do verdadeiro ambiente popular no paiz. Não sabemos exatamente o que se passa em S. Paulo. Não temos ~~nenhuma~~ notícias fidedignas sobre os sentimentos ali dominantes. Mas a notícia agora divulgada, de estar resolvida a eleição do Gegê há-de forçosamente irritar os animos. Quanto ao Rio Grande, o que lhe posso assegurar é que, se ainda há quem exija a prova eleitoral (são muito poucos estes) depois de primeiro de maio a unanimidade será perfeita. Para nós, só existe uma saída; a revolução. A gente que nos governa hoje é simplesmente um bando de criminosos. A não ser que se produza um milagre, hoje ou amanhã, sós ou acompanhados, teremos de recorrer ás armas.

Aqui fico, enviando-lhe um forte e grande abraço.